

Apresentação

RODRIANA DIAS COELHO COSTA (UNB)
EDINEI CARVALHO DOS SANTOS (UNB)
KLEBER APARECIDO DA SILVA (UNB)

A presente coletânea é constituída por treze artigos de professores-pesquisadores que atuam no contexto de sala de aula, articulados na discussão sobre educação intercultural, letramento e experiência em formação docente. Esta obra oferece ao leitor, a cada conclusão dos artigos, reflexões e questionamentos sobre as temáticas abordadas, o que viabiliza didaticamente uma discussão pedagógica profícua. Os contextos apresentados transitam em diversos âmbitos de ensino-aprendizagem no ensino básico e superior e em distintos contextos interculturais.

A coletânea está organizada em duas partes principais: educação intercultural e letramentos. Na primeira parte, os autores discutem sobre educação intercultural e formação docente para a diversidade, tendo em vista alguns entreves encontrados por alunos e alunas indígenas em diferentes âmbitos de ensinamentos constituídos sob uma ótica hegemônica e ocidental. Na segunda parte, os autores discutem sobre as experiências de letramento voltadas para o contexto de ensino intercultural, bem como as práticas de letramento de resistência em um conjunto de contextos minoritarizados (assentamentos rurais, cárcere, comunidades ciganas e quilombolas).

A seguir apresentaremos um breve resumo dos artigos que compõem este trabalho, a fim de apresentar um panorama geral em que as interlocuções são situadas.

O capítulo um, intitulado “O currículo enquanto espaço de construção da identidade e diálogo de saberes indígenas”, da professora-autora Rosilene Cruz de Araujo, traz sua experiência vivida enquanto professora e gestora indígena na busca de compreender e encontrar soluções para os dilemas enfrentados pelos professores indígenas do Estado da Bahia. Tais dilemas centram-se na consolidação de uma Educação Escolar Específica e Intercultural amparada nos princípios dos documentos e leis que parametrizam a educação escolar indígena. Segundo a autora, “o currículo é uma construção histórica e, quando o assunto é currículo nas escolas indígenas, essa concepção fica ainda mais clara quanto à necessidade de se construir um currículo específico” (p. 28). Diante dessa discussão, a autora expõe o desafio que perpassa a luta pela elaboração de um currículo que atenda as demandas da sociedade indígena do estado da Bahia como um caminho reflexivo e de resistência.

O capítulo dois intitulado “Corrida de toras: jogo didático para um ensino intercultural” da professora-autora Elisa Augusta Lopes Costa traz uma discussão reflexiva sobre a educação indígena no Brasil interligada à perspectiva intercultural, tendo em vista as culturas indígenas e a cultura de entorno. O estudo foi realizado na Educação Escolar Indígena Krahô, mais especificamente na Escola Indígena 19 de Abril, localizada na aldeia Manoel Alves Pequeno, ao norte do estado do Tocantins. Desse modo, a professora-autora do referido capítulo expõe algumas estratégias de ensino de português como segunda língua, considerando o contexto sociolinguístico complexo. A partir da ludicidade, que segundo a autora: “surge neste contexto um elemento integrador, pois as atividades lúdicas

propiciam uma forma prazerosa de estabelecer diálogo entre diferentes visões de mundo, facilitando a negociação de soluções para os conflitos que podem surgir na relação intercultural” (p. 52). A prática pedagógica, a partir de oficinas, descrita nesse capítulo, caracteriza a possibilidade da criação de jogos didáticos para o ensino-aprendizagem de português como segunda língua em um contexto sociolinguístico complexo.

O capítulo três denominado “Educação intercultural e currículo: no projeto político-pedagógico o reencontro com a ancestralidade, a identidade e o ‘ser indígena’” da professora-autora Ema Marta Dunck Cintra apresenta o contexto sócio-histórico do povo indígena Chiquitano das comunidades de Acorizal e Fazendinha, no Mato Grosso. O referido artigo busca discutir a educação indígena intercultural a partir do fortalecimento da língua materna, tendo em vista a atitude desse povo na construção do seu Projeto Político-Pedagógico. Desse modo, o artigo discorre sobre a elaboração de um projeto político-pedagógico como um caminho para reafirmar e vivenciar a ancestralidade e identidade Chiquitano, a fim de trazer as vozes antes silenciadas.

No capítulo quatro, “Interculturalidade e educação escolar indígena em nível superior”, produzido pela professora-autora Maria Gorete Neto, é discutido o conceito de interculturalidade a partir de uma experiência no curso de formação de professores indígenas em nível superior no curso de licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O referido artigo trata da educação intercultural indígena e das implicações da visão de mundo que inter cruzam com a academia como espaço burocrático e saberes cristalizados regidos por uma perspectiva ocidental-capitalista. Desse modo, a professora-autora lança mão de uma reflexão sobre como o “ambiente universitário tem

sido instigado a lidar com distintas culturas, línguas, saberes e cosmovisões” (p. 117).

No capítulo cinco, intitulado “O lugar do pertencimento étnico na UnB: um olhar discursivo crítico da diversidade”, a professora e autora indígena Núbia Batista da Silva – Nubiã Tupinambá abre esta coletânea com uma importante reflexão sobre as narrativas do lugar de pertencimento étnico na UnB visando a diversidade. Nesse contexto, o artigo lança luz sobre os diferentes saberes ancestrais e conhecimentos acadêmicos no âmbito da academia, onde a própria autora do artigo ocupa o lugar de acadêmica e pesquisadora. A autora traz para o diálogo as vozes de acadêmicos e acadêmicas indígenas da Universidade de Brasília para uma reflexão sobre a discriminação e adaptação cultural, com o intuito de rever as políticas de inclusão no âmbito universitário.

No capítulo seis intitulado “Interculturalidade e educação indígena no contexto brasileiro: algumas reflexões” os professores-autores Rodriana Dias Coelho Costa e Kleber Silva discorrem sobre uma experiência em sala de aula com alunos indígenas, pertencentes a várias etnias, no curso de Educação Intercultural Indígena na Universidade Federal de Goiás. A prática docente consiste em uma oficina de produção textual, em que é abordada o tipo dissertativo-argumentativo produzido a partir do gênero carta argumentativa, inserida numa prática de letramento intercultural e transdisciplinar. O artigo traz à luz algumas reflexões relevantes para o ensino de português como segunda língua, mais precisamente, na produção escrita, tendo em vista a realidade dos alunos e alunas indígenas que transitam em contextos socioculturais distintos.

No capítulo sete, “Educação indígena Akwê: entraves e perspectivas discutidas durante as aulas no comitê”, Suety Líbia Borges apresenta as experiências de letramentos de Eneida Brupahi Xerente, indígena da Aldeia Funil, comunidade localizada a 12

quilômetros do município de Tocantínia, no Estado do Tocantins. Assumindo uma postura intercultural da linguagem, a autora coloca em diálogo os conhecimentos produzidos entre dois mundos: português e Akwẽ, resumido na relação de uma professora pesquisadora não indígena a falar sobre práticas de letramento de e com uma aluna-orientanda indígena. Como mostra a autora, as vivências de Eneida em Terra Indígena Xerente acontecem na oralidade, na mais rica e bela manifestação de si e de sua relação com o mundo. Como mostra o capítulo, distante de um olhar grafocêntrico, as práticas letradas vivenciadas por Eneida ampliam o tradicional conceito de letramento para além da escrita, abrindo espaço para pensarmos em outras epistemologias e formas de conhecimento.

No capítulo oito, “Educação indígena e os desafios na formação linguística dos professores – relato de experiências”, Áurea Cavalcante Santana traz algumas reflexões advindas da convivência durante os cursos de formação de professores no Projeto Hayô (Polos: Alto Xingu, Campinápolis e Juína) e durante as pesquisas e estudos linguísticos realizados nas comunidades indígenas: Chiquitano (Vila Nova Barbecho, Acorizal, e Fazendinha - município de Porto Esperidião, MT); Wakalitesu/Nambikwara (Três Jacus - município de Sapezal, MT); Manoki/Irantxe (Caititu - município de Sapezal, MT). Entre as principais atividades desenvolvidas em campo durante o processo de formação, autora apresenta os Seminários de Formação Linguística e as Oficinas Pedagógicas das quais fazem parte professores, alunos e demais membros da comunidade. As experiências relatadas pela autora demonstram que as oficinas e os seminários de estudos linguísticos realizados nas comunidades constituem espaços positivos de formação de professores e pesquisadores, contribuindo para a formação linguística dos professores indígenas.

No capítulo nove, “Letramentos: a escrita no cárcere”, Maria Aparecida de Sousa, analisa as funções dos letramentos na Penitenciária Feminina do Distrito Federal. Na prisão, conforme mostra a autora, os letramentos de resistência se multiplicam em eventos e práticas discursivas nas quais diferentes identidades pessoais e sociais são forjadas. Focalizando principalmente a análise discursiva do gênero BO (textos anônimos produzidos por mulheres privadas de liberdade), a autora mostra como as condições de produção dos discursos instanciados nesses gêneros permitem que as mulheres em situação de cárcere se posicionem sobre temas relevantes para si, revelando representações que se relacionam com modos de identificação e de ação/relação. Dentro do cárcere, como revela a autora ao longo do capítulo, os letramentos evidenciados na escrita dos BOs desempenham um importante papel nos processos de resistência, mas também nos processos de reexistência, já que, por meio da escrita e de outras semioses, as mulheres encarceradas conseguem projetar novos projetos de vida e resgatar dimensões de sua existência silenciadas durante a experiência de confinamento.

No capítulo dez, “A escrita de pessoas privadas de liberdade: o letramento como reexistência”, Amanda Moreira Tavares e Tânia Ferreira Rezende analisam como os processos de letramento de reexistência, construídos e vividos por pessoas privadas de liberdade na Unidade Prisional de São Luís de Montes Belos, em Goiás, estão a serviço da sobrevivência e da busca de restituição de liberdade. Ao mostrar o desencarceramento das vozes silenciadas pela escrita (através da possibilidade que os presos têm de escrever ao juiz da comarca), as autoras buscam evidenciar uma rasura no sistema de poder sociolinguístico, ou seja, brechas e fissuras no sistema conservador da norma culta única da língua portuguesa e no sistema judiciário. Com os achados da pesquisa,

as autoras salientam a importância de ensinar bem a tecnologia da escrita como instrumento de luta, principalmente nos anos iniciais de escolarização, para que as pessoas das minorias subalternizadas tenham, de fato, condições de desobedecer às estruturas de opressão.

No capítulo onze, “Letramentos de resistência em contexto de luta por terra e território na Chapada do Apodi norte-rio-grandense”, Glícia Azevedo Tinoco e Adriana Vieira das Graças analisam o letramento de resistência desenvolvido por mulheres no processo de luta por terra e território na Chapada do Apodi. A análise das pesquisadoras aponta que as práticas de letramento de resistência, mobilizadas em âmbito local e aliadas a outras práticas de letramento e mobilização popular, fortaleceram a organização e o empoderamento das trabalhadoras rurais da Chapada do Apodi, contribuindo para transformar um problema local em uma luta coletiva internacional. Como mostra o capítulo, ao participarem de diferentes eventos de letramento, as mulheres da Chapada do Apodi atuaram como importantes agentes de letramento em defesa e proteção de si mesmas, da terra e do território, lutando pela própria vida e pela vida da coletividade: resistindo e, ao mesmo tempo, reexistindo.

No capítulo doze, “Letramentos e variação linguística em contexto cigano”, Maria Marlene Rodrigues da Silva e Rosineide Magalhães de Sousa apresentam o resultado de uma etnografia realizada durante cinco anos em duas comunidades ciganas localizadas no Distrito Federal, nos acampamentos Calon do Córrego do Arrozal, em Planaltina e na Rota do Cavalo, em Sobradinho. O capítulo traz os letramentos de resistência das comunidades ciganas em relação aos letramentos oficiais, que compreendem a participação em importantes eventos de letramento para o exercício da cidadania como, por exemplo, saber escrever um ofício

para acessar determinadas políticas públicas. Os autores defendem a tese de que nessas comunidades é necessário um trabalho de interface entre os letramentos e a variação linguística, sendo isso percebido como um letramento de resistência.

O capítulo treze, “Práticas e eventos de letramentos em contextos de luta e resistência: uma experiência etnográfica no Quilombo Mesquita - Goiás (GO)”, escrito por Edinei Carvalho e Kleber Silva, apresenta um recorte de uma etnografia sobre eventos e práticas de letramentos no Quilombo Mesquita, uma comunidade negra rural localizada no município de Cidade Ocidental, estado de Goiás. Partindo do conceito de letramento como um conjunto de práticas sociais que varia no tempo e espaço, os autores mostram como atores sociais da comunidade desenvolvem vários modos de engajamento com a leitura e escrita e atribuem diferentes significados ao ato de ler e escrever em diferentes contextos e esferas de atividade. Com esse objetivo, a pesquisa procura contribuir não só com o reconhecimento da diversidade de letramentos no Quilombo Mesquita, mas também com as diferentes identidades e vozes sociais que emergem em contextos de luta e resistência.

A presente coletânea pretende contribuir com o ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, como os Estudos Linguísticos, por meio de propostas interculturais e críticas para a promoção de uma formação humanizadora em respeito às diversidades.

ORGANIZAÇÃO

Rodriana Dias Coelho Costa

Edinei Carvalho dos Santos

Kleber Aparecido da Silva

REVISÃO

Oseas Bezerra Viana Júnior

Kleber Aparecido da Silva

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Estúdio Guayabo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Educação intercultural, letramentos de resistência e formação docente
[livro eletrônico] / Rodriana Dias Coelho Costa, Edinei Carvalho dos
Santos, Kleber Aparecido da Silva (orgs.). -- Campinas, SP : Editora da
Abralim, 2021. -- (Altos estudos em linguística)
PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-68990-10-0

1. Educação 2. Educação intercultural 3. Letramento 4. Letramento -
Estudo e ensino 5. Práticas educacionais 6. Professores - Formação
I. Costa, Rodriana Dias Coelho. II. Santos, Edinei Carvalho dos. III. Silva,
Kleber Aparecido da. IV. Série.

21-81233

CDD-370.733

Índices para catálogo sistemático:

1. Professores : Práticas docentes : Educação 370.733

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

DOI 10.25189/ 9788568990100